OUTUBRO 2026 | EDIÇÃO N.º 68

FARMAR AURA



Andamos todos a “farmar aura”?
Há expressões que aparecem de repente e, quando damos por isso, estão em todo o lado. A do momento é “farmar aura”.
Se não fazes ideia do que isto significa, não te preocupes. Provavelmente significa apenas que não tens passado tempo suficiente no TikTok — ou que não tens um adolescente por perto disposto a atualizar o teu vocabulário.
“Farmar” vem dos videojogos. Significa repetir ações para acumular recursos, experiência ou pontos e, assim, evoluir no jogo.
“Aura” é outra coisa. É aquela espécie de presença difícil de definir: carisma, confiança, estilo, energia, vibe.
Juntando as duas coisas, “farmar aura” é fazer alguma coisa que nos faz ganhar pontos aos olhos dos outros. Melhorar a imagem. Em outros tempos, ser cool.
Nós sempre farmámos aura… Só não lhe chamávamos isso.
Escolhemos cuidadosamente o que vestimos para determinada ocasião. Contamos aquela história em que ficamos particularmente bem. Tentamos parecer seguros quando estamos inseguros. Publicamos a fotografia bonita e deixamos de fora as outras vinte. Dizemos “está tudo ótimo” quando nem tudo está.

Queremos causar uma boa impressão numa entrevista, num primeiro encontro, numa reunião, numa festa. E nada disto é necessariamente mau. Antes pelo contrário.

Somos seres sociais. É natural preocuparmo-nos com a forma como somos vistos. A imagem que transmitimos aos outros faz parte da nossa identidade e aprender a apresentarmo-nos ao mundo é também uma competência.

O problema começa quando os pontos de aura passam a valer mais do que aquilo que realmente somos.

Quando já não fazemos porque queremos fazer, mas porque queremos que vejam.

Quando já não escolhemos porque gostamos, mas porque queremos impressionar.

Quando uma experiência parece menos valiosa se ninguém souber que aconteceu.

Quando precisamos permanentemente de uma plateia para confirmar que estamos a viver bem.

E talvez as redes sociais tenham tornado este jogo particularmente difícil.

Porque agora existe quase sempre uma bancada cheia.

Há visualizações. Gostos. Comentários. Seguidores. Partilhas.

De repente, aquilo que durante séculos foi uma sensação abstrata — "o que pensarão de mim?" — ganhou números.

E é muito fácil começar a confundir esses números com valor.

Há uma aura que ninguém consegue farmar

Curiosamente, algumas das pessoas que mais nos impressionam são precisamente aquelas que parecem não estar preocupadas em impressionar.

Não precisam de entrar numa sala e garantir que todos reparam. Não precisam de contar tudo o que fizeram. Não transformam cada gesto numa demonstração. Há nelas uma segurança tranquila.

Talvez porque a verdadeira confiança não venha de acumular pontos imaginários.

Constrói-se devagar, naquilo que fazemos quando ninguém está a ver.

Na forma como tratamos alguém de quem não precisamos. Na capacidade de dizer "não sei". Na coragem de mudar de opinião. Naquilo que fazemos depois de falhar.

Na decisão de não acompanhar os outros quando sabemos que aquele caminho não é o nosso.

Na capacidade de continuar quando não há aplausos. E essa é talvez a ironia mais bonita desta expressão.

Quanto menos precisamos de farmar aura, mais aura provavelmente temos.

E se perdermos alguns pontos? Talvez também não seja grave.

Tropeçar, dizer uma coisa disparatada, não saber responder, ficar nervoso.

Chegar a algum lado e perceber que estamos vestidos de forma completamente diferente de toda a gente. Tentar alguma coisa e falhar redondamente. Ser visto a esforçar-nos.

Durante muito tempo — e sobretudo na adolescência — estas pequenas situações podem parecer catástrofes sociais.

"Que vergonha." "O que é que vão pensar?" "Nunca mais apareço aqui."

Mas crescer também é descobrir uma coisa extraordinariamente libertadora: podemos sobreviver perfeitamente à perda de alguns pontos de aura.
Aliás, talvez uma vida demasiado preocupada em não os perder seja uma vida onde deixamos de experimentar muita coisa.
Porque quem quer aprender vai, inevitavelmente, parecer pouco competente algumas vezes.
Quem quer conhecer pessoas terá de correr o risco de não ser correspondido.
Quem quer defender aquilo em que acredita terá momentos em que ficará sozinho.
Quem quer fazer alguma coisa diferente terá de aceitar que nem toda a gente vai compreender.
E quem quer viver uma vida que seja verdadeiramente sua terá, em algum momento, de escolher entre parecer bem e sentir que está no lugar certo.
Por isso, talvez possamos continuar a farmar aura.
Só convém não esquecer que estamos a jogar com pontos que não existem.
E que, quando desligamos o ecrã, fica uma pergunta bastante mais importante:

Se ninguém estivesse a ver, escolherias na mesma?

